

Agenciamentos coletivos na experimentação do PACTO Trabalho¹

Eliane Dias de Castro^a, Gisele Dozono Asanuma^b, Naiada Dubard Barbosa^c,
Maria Isabel Garcez Ghirardi^d

^aDocente do curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina – FM, Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Artes e Doutora em Ciências, Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes da USP.

Pós-doutorado junto ao Laboratório de Psicologia da Arte do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil

^bTerapeuta ocupacional, bolsista de Iniciação Científica Fapesp (2004-2005) e colaboradora do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional do curso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina – FM, Universidade de São Paulo – USP. Mestre, Núcleo de Subjetividade do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, São Paulo, SP, Brasil

^cTerapeuta ocupacional, colaboradora do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional do curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. Mestre, Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação, Faculdade de Medicina – FM, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil

^dDocente do curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina – FM, Universidade de São Paulo – USP. Doutora em Psicologia Social, Instituto de Psicologia da USP, Pós-doutorado em Sociologia e Pesquisa Social junto ao Laboratório Sui Generis do Dipartimento di Sociologia e Ricerca Sociale – Università degli Studi di Milano – Bicocca, Itália

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência em Terapia Ocupacional, o PACTO Trabalho, que durante 6 anos de existência objetivou propor um modo possível de geração de renda, discutindo coletivamente questões relativas ao trabalho junto aos participantes em situação de vulnerabilidade social associada a questões de saúde mental. O método do *work in progress* – emprestado do campo das artes – foi utilizado para desenvolver, operar e construir coletivamente esta intervenção, pautado pelas demandas individuais, mas voltado para a construção de um dispositivo coletivo. Considerando a centralidade do trabalho na constituição subjetiva e da vida social, foram desenvolvidas ações e parcerias, sendo centrais as articulações com diversas redes ligadas diretamente a projetos de geração de renda, redes de suporte social, de saúde, de transporte, de ação jurídica. A complexidade das histórias de vida dos participantes, marcadas por fragilidades, necessitou sustentações múltiplas.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional, Vulnerabilidade Social, Arte, Cultura, Coletivos.*

Collective assemblage in the experimentation of the ‘PACTO Trabalho’ group

Abstract: This article presents the experience of an Occupational Therapy group, the ‘Pacto Trabalho’. For six years, the objective of this group has been to propose possible ways of generating income, by collectively discussing issues related to work together with the participants in a socially vulnerable situation associated to mental health problems. The *work-in-progress* method, borrowed from the field of the arts, was used to collectively develop, operate and construct these interventions based on individual demands, but oriented towards the construction of a collective device. Considering that work is a core issue in the subjective constitution and social life, actions were taken and partnerships were made, mainly through the articulation with several networks directly linked to projects of income generation, and social, health, transportation and legal action support networks. The complexity of the participants’ lives, marked by fragilities, required multiple supports.

Keywords: *Occupational Therapy, Social Vulnerability, Art, Culture, Collectives.*

1 Apresentação

A experiência do PACTO Trabalho ocorreu durante seis anos (de setembro de 2002 a julho de 2008), a partir do acompanhamento de pessoas inicialmente atendidas em ateliês de corpo e arte do Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional² (PACTO). Iniciou-se com um grupo de pessoas cujas vidas engendram as complexas problemáticas que compõem o campo da atenção em saúde mental. Havia, naquele momento, a necessidade de atenção e cuidado a aspectos da vida dessas pessoas nos diversos cenários do cotidiano, particularmente naqueles que envolvem relações de produção no contexto do trabalho. Os impedimentos que se opunham às possibilidades de produção de valor e de renda resultavam em situações de intenso sofrimento.

A partir da proposta de encontros grupais para acolher essa demanda, passou-se a desmembrar as linhas de composição das histórias de vida, oscilantes entre serviços de saúde, atenção clínica e pobreza, diante de um cotidiano de precariedades em que redes sociais não constituem o suporte necessário para a sobrevivência diária. A atenção disponibilizada e os investimentos terapêuticos ocupacionais realizados foram orientados para validar as demandas trazidas (e registradas) nos encontros grupais. Buscou-se, assim, trabalhar percursos de inclusão produtiva a partir dos fazeres artísticos que os participantes julgavam significativos em sua história pregressa e, dessa maneira, atender às demandas de realizar “algum trabalho na vida”, além de lhes permitir a geração de uma pequena renda.

O grupo acolhia sujeitos que relatavam diferentes histórias, com passagens que referiam rupturas ocorridas em situações de trabalho e que resultavam numa fragilização subjetiva e social. Observou-se que essas passagens mereciam uma escuta atenta, a fim de reconstruir trajetórias de valorização produtiva daqueles sujeitos e reconhecer o impacto dessas experiências na vida desses sujeitos. Nesse movimento, as trocas foram valorizadas e validadas como elementos constituintes da singularidade de cada participante que se reconhecia no gosto coletivo pela experimentação e pelo fazer artístico. Foi nessa ação coletiva que se esboçaram novos trajetos individuais e que, pouco a pouco, delineou-se uma cartografia de experiências subjetivas e concretas pautadas pelos relatos e pelas manifestações dos participantes sobre fazeres e trabalhos possíveis.

Esse percurso do PACTO Trabalho buscou tecer redes no campo das produções artísticas, ampliando o universo de experimentações produtivas

de cada participante. A partir da valorização dessas produções, fez-se contato com redes de trabalho artístico e artesanal que permitissem a circulação da produção de maneira a engendrar ressonâncias “capazes de reforçar as passagens entre autonomia pessoal e vínculo social” (SANT’ANNA, 2001, p. 87). Entretanto, o território de circulação de produtos artístico-culturais demonstrou-se um cenário marcado fortemente pelo modo de produção capitalista que esvazia a relação vital entre produtores e a criação artística, reduzindo o valor das obras à sua possível comercialização num mercado que tende a desvalorizar o que foge à estética hegemônica.

Este artigo pretende, a partir de considerações sobre a importância do trabalho e de suas relações com a produção de saúde e a produção social, relatar a experiência do percurso trilhado pelo grupo PACTO Trabalho. Ao narrar passagens vivenciadas, ilustram-se formas de operar no cotidiano e estratégias da Terapia Ocupacional voltadas à inovação de cenários socioculturais, políticos e econômicos com os quais a experiência dialogou. Espera-se, dessa maneira, contribuir para o debate sobre inclusão econômica de pessoas com histórias de vulnerabilidade social associadas ao trabalho ou a outras formas de produção de valor e de geração de renda. Esse relato seguirá por dois caminhos simultâneos: a intervenção junto aos participantes do grupo e a intervenção no território.

2 Trabalho e produção econômica em situações de vulnerabilidade

Relações entre formas de organização social, modos de produção econômica, trabalho e vida numa sociedade economicamente globalizada têm sido objeto de estudos em diversos campos de saber preocupados em descrever formas possíveis de pertencimento social no interior dessa nova ordem mundial. Nesse contexto, marcado por intolerâncias em relação a formas minoritárias de pensar e de agir, há a tendência de desvalorizar os sujeitos sociais que sustentam essas divergências. Essa desvalorização pode ser um dos elementos que levam aos processos de desfiliação (CASTEL, 1995) em que a precariedade progressiva das relações de trabalho e a perda de vínculos de produção econômica levam a um afrouxamento de relações familiares, afetivas e sociais, definindo situações de vulnerabilidade social. Por sua vez, o isolamento social intenso tende a dificultar, ou mesmo impedir, a participação social

e pode estar na origem de histórias de sofrimento psíquico e de vulnerabilidade social.

No campo da Terapia Ocupacional, há um esforço em desenvolver estratégias de atenção que dêem suporte à constituição de novos lugares de pertencimento social, a partir de um processo que tem início na escuta das narrativas individuais e que se desenvolve na busca de recompor fluxos de produção de vida e de saúde, através da realização de um trabalho valorizado que permeie a existência cotidiana singular. Essa existência que, num momento de crise, por um conjunto de acontecimentos, é desvalorizada e estigmatizada como incapaz. É o caso, por exemplo, de pessoas que apresentam diversas formas de limitação na capacidade de participação social, decorrentes de processos de adoecimento ou de deficiências.

Desenvolver estratégias de atenção, dar suporte à constituição de novos lugares sociais a partir do campo da Terapia Ocupacional, demanda uma composição de ações facilitadoras de trocas e de formas de produção inusitadas, num movimento que se realiza na dialética psicossocial das ações cotidianas. Produzir bens e valores, trabalhar, gerar renda, ter capacidade de consumo pode facilitar percursos de retomada da própria vida e de participação social numa sociedade em que produzir bens e valores é condição para estabelecer qualquer contrato social (GHIRARDI et al., 2005; GHIRARDI, 2004). Uma vez que a desfiliação é um processo lento e cotidiano, é também na complexidade da vida que os percursos de pertencimento se definem, através de redes de sustentação social, a partir de relações de produção econômica, de trabalho e de geração de valor. Produzir bens e valores é uma dimensão central da vida social cotidiana e cria condições para que a capacidade produtiva se realize numa forma de trabalho que possa sustentar percursos de resgate de saúde e de participação social de sujeitos estigmatizados e de populações vulneráveis. Dispositivos de atenção são propostos no campo da Terapia Ocupacional e podem contribuir para a inclusão de pessoas no circuito de produção e de consumo de bens, numa ação de ampliação de horizontes relacionais, pautado por formas singulares de produção coletiva (GHIRARDI et al., 2005).

A perspectiva de ruptura com formas de relação estigmatizadas demanda ações cotidianas de erosão da identidade de incapaz, sustentadas pela capacidade subjetiva de trabalho e de produção de bens. O lugar da produção é também aquele a partir do qual se podem encontrar formas autônomas de gerir a própria vida, de maneira que as fragilidades individuais não se transformem em vulnerabilidades sociais. Essa

perspectiva de intervenção social demanda uma atenção especial às linhas de força que atuam nas situações de trabalho e estabelecem microrrelações de poder que tendem a reafirmar valores sociais hegemônicos.

Valor social e, como corolário, valorização pessoal estão também pautados pela qualidade dos bens produzidos e expostos à concorrência do mercado econômico. É importante sustentar o lugar da experimentação, mas é igualmente importante apoiar a busca de soluções próprias para possíveis limitações que interferem no resultado do trabalho realizado, de forma a melhorar a qualidade da produção, mas sobretudo de maneira a enfatizar o valor do próprio percurso coletivo de produção. Essa perspectiva teórica no campo da Terapia Ocupacional permite a ampliação dos horizontes profissionais, criando metodologias que constituem alternativas de atenção quando se trata de superar situações de isolamento social e de delinear percursos de trocas pautados pela valorização das singularidades existenciais.

3 A constituição do PACTO Trabalho: modos de fazer, compreender e trabalhar

O PACTO Trabalho constituiu-se, no âmbito da Universidade de São Paulo, como um dos grupos componentes do projeto didático-assistencial do PACTO, organizado a partir de setembro de 2002. Composto por uma equipe de 2 terapeutas ocupacionais com formação no campo das Artes e estagiários de graduação em Terapia Ocupacional, o projeto deu a esse grupo uma caracterização nas formas de atuar e uma possibilidade diferenciada de organização dos atendimentos devido à presença contínua de recursos humanos em formação. A questão de formação constante de profissionais e estudantes que atravessavam os encontros forneceu ao trabalho uma reflexão aprofundada e construída conjuntamente com a coordenação do grupo e com as reuniões clínicas do programa, configurando-se também como campo de pesquisa.

A configuração grupal do PACTO Trabalho se refere a um grupo de Terapia Ocupacional constituído por adultos na faixa de 28 a 50 anos, com prevalência de homens, atendidos previamente em outros grupos do PACTO. O PACTO Trabalho foi ativado como um dispositivo para acolher, refletir sobre e trabalhar com maior atenção as demandas de trabalho desses participantes, com frequência semanal e encontros de 2 horas de duração, ao longo de 6 anos consecutivos. Esse grupo foi composto por 6 pessoas (5 homens e 1

mulher) com questões de saúde bastante diversas, mas que tinham em comum o interesse e a necessidade em gerar renda a partir de sua produção artística e/ou artesanal.

Havia, entre os participantes, a necessidade de atenção a questões para além do âmbito da saúde, uma vez que se tratava de um grupo marcado pela precariedade das condições básicas de vida (moradia, alimentação, transporte, trabalho, entre outras), encontrando-se em situação de vulnerabilidade social. Entre a maioria dos participantes, existiam relatos de experiências anteriores de trabalho, que inscreveram em suas histórias rupturas e não continuidade dessas experiências. No cotidiano dos atendimentos, a equipe criava uma possibilidade de acolhimento dessas questões e, a partir da convivência grupal organizada pelo ritmo dos encontros semanais, foi possível agenciar trocas de diversas ordens, como a construção de novos vínculos e afetos, inicialmente marcados pela empatia, curiosidade e vontade de aprender e descobrir juntos os trabalhos possíveis para cada um.

A rotina dos encontros era permeada pela chegada dos participantes, com uma conversa inicial sobre os acontecimentos vividos durante a semana, seguida da retomada das atividades em andamento ou planejadas para o encontro, relacionadas ao projeto de trabalho individual, ou ligadas a propostas comuns dos participantes no desenvolvimento e execução das atividades. Havia, ainda, a organização de um café e de um lanche, recheado por conversas compartilhadas de forma espontânea entre os participantes. Semanalmente programava-se a continuidade das atividades e planejavam-se os próximos encontros, principalmente quando surgiam atividades externas, como a programação de saídas, que exigia maior organização coletiva.

O local dos encontros era um dos Laboratórios de Atividades do Curso de Terapia Ocupacional da USP, também utilizado para o atendimento à comunidade. Além desse, foram percorridos outros espaços de cultura e arte da cidade de São Paulo que apresentavam possibilidades de participação das pessoas e de suas produções, no sentido de efetuar trocas sociais e afetivas, num território que viabilizasse a circulação dos participantes e de suas obras por meio de vendas, exposições, frequência em feiras, capacitação artística, entre outras ações visando a participação social e a produção cultural dos participantes. Como desdobramentos dessas ações foram efetivadas parcerias e intervenções que acolheram algumas das demandas dos participantes.

Buscou-se inicialmente ampliar a rede relacional do grupo a partir de um projeto de trabalho que

estimulasse os encontros. Embates cotidianos entre diferença e singularidade de trajetos num território sociocultural complexo intensificaram os encontros e demandaram uma atenção constante às possíveis práticas em Terapia Ocupacional na *interface* com o mundo da produção artístico-cultural. Esse foi o contexto a partir do qual se estabeleceram diálogos e fazeres artísticos singulares puderam transformar-se em uma tensão construtiva. Isso pôde ser observado quando, ao ampliar o cuidado no acabamento de certas produções artísticas, foram exigidos novos domínios técnicos, que permitiram uma maior acurácia na finalização do produto, tornando-o mais valorizado economicamente, o que permitia intensificar sua circulação e a possibilidade de gerar renda.

A fim de viabilizar os encontros grupais foi necessário que a equipe intermediasse e cuidasse de diversas demandas dos participantes, tanto em relação à rede pública de saúde quanto ao transporte público, à organização de documentos, à negociação e organização de moradia, ao acompanhamento de processos junto à assessoria jurídica pública e das ações junto à previdência social, além das negociações com familiares, entre outras. Enfim, situações que geravam sofrimento e que demandavam cuidado, tempo, atenção, além de escuta, acompanhamento e discussão coletiva, que engendravam uma diferenciação entre o que era possível realizar e o que demandava outras redes de suporte. Sem uma atenção continuada às múltiplas demandas e complexidades da história de vida de cada um, situação de certa forma comum a todos os participantes, o grupo não se teria constituído e tampouco mantido-se. Num acolhimento de muita porosidade e flexibilidade, o grupo foi o suporte sobre o qual os relatos de experiências e as novas experimentações puderam desenhar trajetos para a produção de cada um, a partir da própria produção artística.

Os encontros permitiram desenhar um método de ação com foco nos projetos artísticos e/ou artesanais individuais que foram a linha de intervenção sobre a qual se buscou construir respostas para a demanda de geração de renda. Embora individuais, os projetos eram discutidos e acompanhados em momentos coletivos, gerando trocas e conhecimentos sobre questões de gestão, condução, continuidade ou interrupção deles. Além disso, estimularam-se associações e parcerias entre os participantes do grupo sempre que se apresentavam possibilidades de circulação ou de venda das produções artísticas. A sustentação cotidiana dos encontros instaurou um processo de emancipação intelectual e vincular que se produzia através da articulação entre projetos,

do cuidado das relações grupais e do ambiente, da organização de registros fotográficos, de portfólios, de acabamentos das produções e da pesquisa de linguagens artísticas ou tecnológicas, formando uma trama cujas linhas de intervenção conferiam intensidade produtiva e qualidade às experiências coletivas.

Encontrou-se no método da arte contemporânea do *work in progress* ressonâncias e aberturas para as formas de operar junto às questões grupais. Esse método considera o trabalho em desenvolvimento, processual, cujas ações são pensadas e produzidas enquanto desdobramento dos recursos de todos os envolvidos, o que promove, muitas vezes, cenários imprevisíveis e surpreendentes. Esse método de orientação artística propõe um fazer a partir de “formas pensantes” e de “formas falantes” que conformam a “escultura social” e moldam o mundo em que vivemos e configura uma ação que se desenrola nos acontecimentos cotidianos e transita por territórios de incerteza que convergem para a construção de novas atitudes, em que pessoas, coisas e acontecimentos compõem a experiência comum.

Quando utilizado no contexto do PACTO Trabalho, na criação e produção artística ali acionada, esse método favoreceu uma permeabilidade e uma plasticidade de processos criativos e potencializou o dispositivo, gerando acontecimentos da ordem da “[...] pulsação, do devir, das intensidades, das narrativas simultâneas [...]”, que materializam processos no mínimo interessantes (COHEN, 1998, p. xxiii, xxiv). Essa forma de operar e construir coletivamente os encontros solicita um molecularização das práticas, dos entendimentos e das proposições. Muitas conversas, reflexões e trocas, um caminhar passo a passo, estendem e aproximam os fios que entrelaçam os fazeres coletivos, construindo um trabalho a partir de ferramentas que foram encarnadas e colocaram “a vida em produção” (NEGRI, 2011, p. 8).

As atividades desenvolvidas variavam de acordo com o interesse e os projetos dos participantes, assim, pintura em tela, desenhos em papel, esboços e projetos de invenção, marchetaria e escultura em concreto celular foram realizadas nos momentos de encontro grupal. Cada uma dessas atividades fazia emergir demandas sobre questões da vida dos participantes e criava oportunidade para se discutir, discriminar as solicitações e organizar a complexificação dos projetos de vida. Dessa maneira, mapearam-se recursos existentes na cidade que pudessem dar suporte às ações previstas nos projetos, o que resultou no levantamento de locais para venda e exposição das produções, parcerias com espaços culturais, conversas com artistas e

pessoas engajadas em movimentos relacionados à geração de renda. Essas trocas tornaram-se valiosas contribuições para o grupo PACTO Trabalho, enriquecendo discussões e o direcionamento das ações coletivas, contribuindo para a organização das etapas necessárias à preparação e à participação naquilo que traduz a circulação das produções no sistema de arte, como exposições, editais e concursos.

Avançar no terreno das experiências práticas implicou avançar também no campo das discussões voltadas às dificuldades enfrentadas para comercializar as produções artísticas. Isso se refletiu no debate sobre os seguintes aspectos: valores monetários das obras, locais adequados para a venda e seleção dos produtos comercializáveis para gerar renda. A experiência de produção e a frequência nos encontros favoreceu a circulação de desejos e encorajou a participação coletiva em propostas viáveis para a circulação das produções. Caminhos coletivos, ações partilhadas, processos reflexivos e a abertura da tessitura relacional permitiram fluxos criativos que transbordaram na produção das vidas e sustentaram as propostas do PACTO Trabalho.

Ao longo dos seis anos de existência, o PACTO Trabalho enfrentou dilemas intrínsecos ao processo de construção de participação social, que demandaram ações de resistência e de transformação cultural, de modo a abrir espaço para formas produtivas singulares e heterodoxas. As cenas relatadas a seguir ilustram, de forma breve, parte dos dilemas enfrentados pelo grupo.

4 XR: esculturas, xilogravuras, exposições, feiras e uma instalação para morar

Foi a partir de intensas solicitações de XR que organizamos o grupo PACTO Trabalho. Adulto, com 45 anos, participou por longo tempo (aproximadamente oito anos) de múltiplas ações do PACTO: PACTO Adultos Noite (grupo de produção artística em ateliês de corpo e arte) e da Rede de Sustentação (ações de acompanhamento terapêutico para acompanhamento de questões individuais). XR apresentava-se em uma situação de muita vulnerabilidade social, sua rede de relações era reduzida, encontrava-se desempregado e até setembro de 2003 era morador de rua. Com grande habilidade para realização de trabalhos manuais e artísticos, tinha em sua produção um eixo orientador de seu cotidiano, de sua vida.

Uma vasta produção de esculturas e de xilogravuras foi apresentada, pela primeira vez, numa pequena

exposição de artes, e a possibilidade de vender as obras produzidas revelou novos horizontes a XR que, com o dinheiro dessas vendas, agenciou um lugar para morar. Passou então a organizar esse espaço vital arquitetando e construindo uma habitação em que dormia, comia e trabalhava, produzindo numa certa constância novas obras. Essa foi a primeira de uma série de experiências que se seguiram, revelando uma nova organização de sua vida econômica que favoreceu uma nova forma em sua vida pessoal, permitindo outras trocas que possibilitaram a sustentação necessária a novos contratos de produção criativa. Assim, intensificou-se sua experimentação criativa paralelamente a maior atenção no cuidado de si, com suporte num atendimento terapêutico que acompanhou de perto sua vida e suas produções, abrindo espaço para o tratamento de sua saúde.

Ressonâncias dessa abertura vital foram sentidas ao longo dos três anos em que sua autonomia fortaleceu-se com a possibilidade de geração de renda e a melhora de sua autoestima, com a valorização de suas produções e uma circulação sociocultural mais ampla. Essa experimentação sustentou-se até o limite do enfrentamento daquilo que configurava-se como fortes pressões sociais para XR: para ele, manter o ritmo da produção, participar de horários estabelecidos, assumir compromissos disciplinares ou negociar em situações em que se sentia ameaçado impedia o prosseguimento da construção de participação no mundo da produção e da circulação artística. Eram situações que contrariavam o conquistado, desmanchando o estabelecido: por exemplo, incorria em longa ausência depois de assumir um compromisso de participação numa feira de artesanatos, o que implicava em fornecer semanalmente alguns novos produtos para serem comercializados. Essa ausência impedia que a concretização desta oportunidade, a conquista de um espaço para a comercialização de suas obras, se efetivasse.

Num contexto de desfazimento, o suporte proposto pelo PACTO Trabalho foi a aproximação e o acompanhamento pela equipe nos percursos expositivos, enfrentando as alternâncias entre pressões subjetivas e sociais e estabelecendo junto à XR formas de negociação com as solicitações e angústias vivenciadas por ele. Ao reconectar linhas de produção de si a partir do reconhecimento de sua potência e vitalidade singulares, buscaram-se maneiras de sustentar seu modo de estar no mundo, num percurso criativo em que ausências e presenças permitiam inscrever sua proposição produtiva e a experimentação de linguagens e de afetos, o que,

para XR, tornou-se um processo vital, apoiado nos encontros coletivos.

5 VSM e FR: pinturas, telas e o mercado de arte

Duas outras histórias incrementaram a demanda de formação do grupo PACTO Trabalho. VSM, mulher adulta, 44 anos, com uma trajetória de participação em vários ateliês artísticos na cidade de São Paulo e no interior, e FR, homem adulto jovem, 28 anos, produzindo trabalhos de forma autônoma em diversas linguagens artísticas. Ambos em tratamento psiquiátrico na rede de saúde pública e com uma longa história nas ações realizadas no PACTO. Participaram, assim como XR, do PACTO Adultos Noite e da Rede de Sustentação.

A pintura é a grande força expressiva na vida desses dois participantes que desejavam comercializar suas obras em locais de reconhecida circulação artística, sem levar em conta o mercado de arte que se impõe e restringe as possibilidades de entrada das obras no circuito cultural. A fim de superar algumas dessas restrições, buscou-se o mercado cooperado e solidário constituído por organizações flexíveis, que poderiam facilitar a rede de trocas e de negociações.

Na procura por espaços de visibilidade para os produtos, um evento foi particularmente marcante na história desses dois participantes. Num determinado momento houve uma negociação com um restaurante que mostrou interesse em realizar uma exposição das obras. Passamos, então, aos preparativos para a montagem dessa exposição: molduras para as telas, seleção das peças, cálculo do preço de cada obra, preparação de convites para divulgação, entre outros cuidados. Porém, quando tudo parecia organizado para se iniciar a montagem da exposição, houve um acontecimento que impediu que ela se realizasse. Quando conheceu a produção a ser exposta, a pessoa responsável pela intermediação da exposição no local vetou a apresentação das obras com base em argumentos que desqualificavam a concepção estética e a força expressiva singular proposta nas obras. Viu nessa produção traços de estranhamento, evidenciando-se o preconceito de expor obras com marcas expressivas que subvertem normas estéticas e culturais estabelecidas. Esse foi um momento intenso e de ruptura no processo de produção daqueles participantes, marcado pela dor e pela frustração frente a um impedimento arbitrário e refratário às diferenças de manifestação artística.

O acontecimento reflete um embate cultural histórico: quando produções expressivas atestam

certos enigmas na recepção e compreensão das obras, efetuam o que Frayze-Pereira (1995) denomina “trabalho da obra”.

Nessa experiência, a exposição de pinturas foi impossibilitada e, no recuo do grupo, uma reflexão crítica se processou. Compartilhar a frustração com o PACTO Trabalho permitiu que o vivenciado se tornasse matéria para a elaboração de saberes. O processo coletivo de reflexão e de cuidado da dor e do sofrimento deram lugar a um amadurecimento que levou o grupo, aos poucos, com muitas conversas, a superar o momento e prosseguir. A partir daí, novas investidas puderam ser realizadas.

Nesse percurso, houve um contato com um possível local para uma nova exposição. Esse local reunia, num mesmo espaço, as atividades livraria-sebo, café, espaço expositivo e de eventos culturais. Apresentou-se a produção a ser exposta ao coordenador do espaço, que aprovou a qualidade das peças e, assim, surgiu a chance de montarmos uma exposição coletiva. Essa experiência de entrada e de participação nas trocas culturais pôde ser afirmada e compartilhada como um desdobramento de vivências duras, que foram matriz de aprendizagens coletivas e que resultaram em fortalecimento e valorização do grupo. O fluxo da vida, a resiliência e o trabalho possível com a força do encontro grupal permitiram a reinvenção dos trajetos e a reelaboração do vivido.

6 Considerações finais

Muitas demandas se configuraram a partir do PACTO Trabalho, e acompanhar as ações dos participantes, na medida em que se apresentavam, estimulou aventuras por universos inimagináveis. Uma forte ligação se estabeleceu e foi essa a força que moveu o encontro coletivo, pois o trabalho, quando assumido em sua complexidade, implica assumir o desafio de constituir a própria existência diante da precariedade das condições de vida e das relações no mundo atual.

A estruturação de uma rede mínima de equipamentos da saúde pública foi acionada e artesanalmente costurada com o acompanhamento dos integrantes do PACTO Trabalho no atendimento desses serviços. Foram visitados Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), hospitais dias, Centros de Convivência e Cooperativas (CECCOs) da Prefeitura Municipal de São Paulo, que passaram a ser frequentados pelos participantes, muitas vezes acompanhados por estagiários. Pedidos de entrada de processos em busca de benefícios como auxílio-doença, LOAS, benefício-transporte, entre outras

tentativas de garantir uma renda mínima para alguns dos participantes do grupo foram encaminhados. Realizaram-se ainda diversas negociações envolvendo equipamentos públicos de moradia, albergues e ocupações na cidade de São Paulo.

Não se tinha a pretensão de resolver a precariedade da vida dos participantes, mas minimamente estabilizar alguns pontos, possibilitando o lidar com a precariedade de outros aspectos. Além da fome física e real, sempre existiu nesses participantes, a fome de aprender novas atividades, de estar em relação, de ser reconhecido por fazeres diversos que lhes permitissem trocar e circular, ampliar experiências e participar de alguma forma flexível de mercado para fazer circular a própria produção enfrentado consistia em articular as linhas de força subjetivas e sociais sem perder a potência criativa na participação sociocultural.

Enfrentaram-se muitas questões durante todo o processo dos encontros, tais como: quais responsabilizações precisam ser assumidas para a viabilização de uma proposta? Quais concessões são possíveis na negociação de exigências e padrões socialmente estabelecidos? Qual a resistência necessária para que o social e o cultural também se transformem para receber novas produções e modos de existir e se de relacionar?

Seguiu-se pelo caminho de composição e afeto, numa trajetória de “fazer junto” que criou condições para o desenvolvimento e ampliação da autonomia de todos os integrantes do grupo. A apropriação dos fazeres aumentou o conhecimento de potencialidades e de ações e realizações, num manejo de processos singulares, espelhado e inspirado no outro, numa relação de afetação e contaminação.

Vários interlocutores artísticos e culturais possibilitaram o desenvolvimento das propostas. A circulação em espaços de arte, a participação de feiras, a organização de exposições, discussões sobre o mercado e formas de valorização e negociação da produção são algumas ações frente ao sistema de arte e cultura que ampliam o acesso e colocam em marcha a possível circulação dessas produções.

A formação realizada no PACTO Trabalho propõe aos terapeutas ocupacionais um trânsito por novas lógicas ético-estético-políticas pautadas pela experimentação, pelo acolhimento dos participantes e de suas questões, pela pesquisa de dispositivos que, no processo de caminhar, produzam caminhos. Essas práticas integram saberes transversais que provocam deslocamentos nos fazeres de todos os atores desse processo e produzem coletivamente o entendimento dos trabalhos possíveis para cada um, potencializando agenciamentos e o fortalecimento de suas redes de vida.

No campo da Terapia Ocupacional é importante reconhecer a necessidade de se configurar dispositivos que flexibilizem formas de trabalho e formas de mercado e construam, a partir daí, possibilidades para a participação social e cultural. Assim, a Terapia Ocupacional pode atuar como uma força de mediação entre sujeitos e suas singularidades, instituições e projetos de vida. Dessa forma, a experiência do PACTO Trabalho trouxe outras modalidades de estar junto, de trabalhar, de criar e de fazer futuro a partir das projeções singulares com cada participante, criando campos de referência, construções coletivas que respondem às exigências da vida, com o aprendizado dos ritmos, das técnicas, das formas de agenciamento, das aproximações e do outro.

Referências

CASTEL, R. *Lês metamorphoses de la question sociale*. Paris: Gallimard, 1995.

COHEN, R. *Work in Progress na Cena Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. *Olho d'água: Arte e loucura em exposição*. São Paulo: Editora Escuta & Fapesp, 1995.

GHIRARDI, M. I. G. Trabalho e deficiência: as cooperativas como estratégia de inclusão social. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 49-54, 2004.

GHIRARDI, M. I. G. et al. Vida na Rua e Cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 9, n. 18, p. 601-610, set./dez. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000300014>

NEGRI, T. *Exílio seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANT'ANNA, D. Passagens para condutas éticas na vida cotidiana. In: SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 87-101.

Contribuições dos Autores

Eliane Dias de Castro implantou e coordenou o projeto PACTO Trabalho; Gisele Dozono Asanuma acompanhou o grupo e participou das discussões sobre o projeto; Naiada Dubard Barbosa acompanhou o grupo e participou das discussões sobre o projeto; Maria Isabel Garcez Ghirardi participou das discussões sobre o projeto e foi interlocutora para as questões sobre trabalho e direitos. Todas as autoras participaram do processo de escrita. Eliane Dias de Castro e Maria Isabel Garcez Ghirardi fizeram a revisão final do artigo.

Notas

¹ Este trabalho, um relato de experiência, parte do Projeto de Pesquisa FAPESP 02/10358-3, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CAPPesq HC-FMUSP, protocolo 160/03.

² O programa permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional é um projeto didático-assistencial do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional da USP e agrega em suas ações a formação de alunos de graduação e de pós-graduação, atividades de extensão universitária e o desenvolvimento de projetos de pesquisa.